

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Educação - Curso de Especialização em Políticas de Promoção da**  
**Igualdade Racial nas Escolas (EPPIR)**

Lucimeire Cordeiro de Sena Guimarães

**VALORIZANDO A IDENTIDADE NEGRA NA ESCOLA**

**Belo Horizonte**

**2016**

**LUCIMEIRE CORDEIRO DE SENA GUIMARÃES**

**VALORIZANDO A IDENTIDADE NEGRA NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial nas Escolas (EPPIR) na perspectiva da Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP), da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Professora Michele Lopes da Silva Alves

Área de concentração: Educação

**Belo Horizonte**

**2016**

**LUCIMEIRE CORDEIRO DE SENA GUIMARÃES**

**VALORIZANDO A IDENTIDADE NEGRA NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial nas Escolas (EPPIR) na perspectiva da Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP), da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

---

Prof<sup>a</sup> Michele Lopes da Silva Alves – UFMG (Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup> Ana Amélia Laborne – UFMG (Banca examinadora)

**Belo Horizonte**

**2016**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família pelo apoio e paciência durante a realização do curso e do trabalho.

Aos meus alunos e minhas alunas com quem conto e aprendo todos os dias.

Aos meus professores e minhas professoras do curso EPPIR e minha orientadora Michele, que ajudaram no aperfeiçoamento da minha prática pedagógica.

Aos meus colegas de trabalho e do curso EPPIR que contribuem para a formação de uma escola mais democrática e justa.

## **RESUMO**

Este trabalho acadêmico trata da questão da valorização da identidade negra e da promoção da igualdade racial no ambiente escolar. A metodologia utilizada foi a aplicação de um projeto de intervenção que se utiliza da análise, no microscópio, das características da pele humana para a abordagem das questões étnico-raciais, com o objetivo de eliminar os estereótipos relacionados às pessoas negras e melhorar o respeito pelas qualidades físicas individuais dos (as) estudantes. A proposta de apresentar essa atividade prática sobre a pele humana numa Mostra Cultural, teve como finalidade compartilhar as reflexões sobre o racismo, realizadas em sala de aula, com a comunidade escolar. Outras práticas pedagógicas, apresentadas na Mostra Cultural e que se mostraram importantes nesse aspecto, são, também, examinadas de acordo com os princípios da valorização da diversidade racial. De acordo com os resultados obtidos, foi possível constatar a relevância dessas propostas pedagógicas para a eliminação de estereótipos na escola e para a valorização da identidade negra.

Palavras-chave: Identidade negra. Escola. Pele. Estereótipos. Igualdade racial.

## **ABSTRACT**

This academic work addresses the issue of valuation of black identity and the promotion of racial equality in the school environment. The methodology used was the application of an intervention project which uses the analysis, the microscope, the human skin characteristics for addressing ethnic and racial issues, in order to eliminate stereotypes related to black people and improve respect for individual physical qualities of (the) students. The proposal to introduce this practical activity on human skin in a Cultural Show, aimed to share reflections on racism held in the classroom, the school community. Other pedagogical practices, presented in Cultural shows and are very important in this respect, are also assessed according to the principles of valuation of racial diversity. According to the results, it determined the relevance of these educational proposals for the elimination of stereotypes in school and for the development of black identity.

Keywords: black identity. School. Skin. Stereotypes. Racial equality.

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1.</b> Espalhe a tinta na pele.....	22
<b>Foto 2.</b> Cole a fita adesiva.....	22
<b>Foto 3.</b> Retire a fita.....	23
<b>Foto 4.</b> Cole a fita na lâmina.....	23
<b>Foto 5.</b> Observe a lâmina no microscópio.....	23
<b>Foto 6.</b> Produção de marcadores de texto por estudantes.....	32
<b>Foto 7.</b> Marcadores de texto.....	32
<b>Foto 8.</b> Cartaz sobre atividade prática.....	33
<b>Foto 9.</b> Cartaz sobre atividade prática e a cor da pele.....	33
<b>Foto 10.</b> Cartaz sobre a pele e as adaptações biológicas.....	34
<b>Foto 11.</b> Cartaz sobre o cabelo.....	34
<b>Foto 12.</b> Cartaz sobre a diversidade étnico-racial.....	35
<b>Foto 13.</b> Visão geral da Mostra Cultural.....	36
<b>Foto 14.</b> Explicação sobre a cor da pele e o racismo.....	39
<b>Foto 15.</b> Realização da atividade prática com professores.....	39
<b>Foto 16.</b> Visitantes observam a sua própria pele no microscópio.....	39
<b>Foto 17.</b> Tonalidades da pele nos autorretratos.....	40
<b>Foto 18.</b> Os autorretratos e a questão da identidade.....	41
<b>Foto 19.</b> Criança e adolescente fazendo penteado afro.....	42
<b>Foto 20.</b> Penteado afro com turbante.....	43
<b>Foto 21.</b> Grupo de capoeira Raízes das Gerais.....	44
<b>Foto 22.</b> Participação de estudantes na roda de capoeira.....	44
<b>Foto 23.</b> Palestra sobre o negro e a mídia.....	45

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> - Esquema que mostra a única diferença entre as pessoas de pele clara e de pele escura: a quantidade de melanina depositada nas células da pele.....	29
--	----

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Cronograma de atividades da Mostra Cultural.....	37
--	----

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>MEMÓRIAS E PERCURSOS RUMO À IGUALDADE RACIAL.....</b>	<b>9</b>
<b>1 A IDENTIDADE NEGRA.....</b>	<b>11</b>
1.1 A escola.....	15
1.2 Os estereótipos e a desvalorização da identidade negra na escola.....	16
1.3 O racismo na escola e as práticas pedagógicas.....	17
1.4 Objetivo geral.....	19
1.5 Objetivos específicos.....	19
<b>2 PLANEJAMENTO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA.....</b>	<b>21</b>
2.1 Metodologia das atividades práticas.....	21
2.2 Recursos necessários.....	24
<b>3 RESULTADOS E ANÁLISE CRÍTICA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....</b>	<b>26</b>
3.1 Discussão dos textos sobre a pele e o cabelo.....	26
3.2 Atividade prática sobre a pele humana no laboratório de ciências.....	28
3.3 Produção de cartazes e marcadores de texto.....	31
3.4 Mostra Cultural: caminhando por nossas raízes africanas.....	35
3.5 Atividade prática sobre a pele humana na Mostra Cultural.....	37
3.6 Autorretratos.....	40
3.7 Oficina de penteados afros.....	42
3.8 Roda de capoeira.....	43
3.9 Palestra: O Negro e a Mídia.....	45
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>49</b>

## APRESENTAÇÃO

Este é o meu Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial nas Escolas (EPPIR), realizado na Faculdade de Educação da UFMG, entre os anos de 2014 e 2016. Tive como orientadora na sua elaboração a professora Michele Lopes da Silva Alves.

No ambiente escolar, é muito comum, nos depararmos com a presença de estereótipos sobre as características físicas das pessoas negras e com a falta de representatividade positiva de suas identidades. Esses fatos têm como conseqüências, a formação de alunos (as) negros (as) com baixa autoestima e o desestímulo deles para prosseguir com os seus estudos.

Diante dessa constatação, venho, através desse trabalho, propor práticas pedagógicas que possam auxiliar a reforçar e estimular a aceitação e o respeito pela identidade negra na escola.

As atividades aqui apresentadas foram voltadas para o estudo de características biológicas como a cor da pele e o tipo de cabelo, partindo da observação da pele no microscópio e investigando suas relações com as questões raciais. A partir da visão científica, procuro refletir com meus (minhas) alunos (as) os valores e as atitudes que podem nos ajudar na eliminação do racismo de nossa sociedade. Vale ressaltar que, a análise dessa prática pedagógica, com objetivo de aperfeiçoamento da mesma, pressupõe a reestruturação de algumas de suas estratégias durante o seu desenvolvimento.

Além disso, apresento e analiso outras práticas pedagógicas realizadas e apresentadas na Mostra Cultural da Escola Municipal Vasco Pinto da Fonseca, em agosto de 2015 e que se destacaram como atividades relevantes para a valorização da identidade negra no ambiente escolar. Dentre elas estão, a produção de autorretratos, a realização de oficina de penteados afros, a roda de capoeira e a palestra “O negro e a mídia”, atividades que culminaram a proposta de intervenção sobre a valorização da identidade negra na escola.

Nesse sentido, o trabalho foi organizado em quatro capítulos. No primeiro, busco falar sobre a questão da identidade negra no contexto social brasileiro, apresento o problema dos estereótipos e a desvalorização da identidade negra e proponho a realização de práticas pedagógicas para ajudar na superação do racismo no ambiente escolar. No segundo, exponho o planejamento, a metodologia e os recursos utilizados na realização das atividades. No terceiro, analiso criticamente os resultados obtidos. E, no quarto, apresento minhas conclusões a respeito das intervenções realizadas.

## MEMÓRIAS E PERCURSOS RUMO À IGUALDADE RACIAL

Sou professora de Ciências do Ensino Fundamental da rede municipal de Contagem, MG, há 20 anos. Trabalho na Escola Municipal Vasco Pinto da Fonseca e atualmente, desenvolvo um projeto no laboratório de Ciências dessa escola com turmas de 6º, 7º, 8º e 9º anos.

Formei em 1995 no curso de Ciências Biológicas (Licenciatura) da UFMG e, durante a minha trajetória acadêmica não participei de nenhuma discussão sobre as questões raciais nas escolas ou no país. Não me lembro de ter possuído professores (as) negros (as), mas tive alguns (mas) colegas negros (as) na convivência social da juventude.

Em minha família, já presenciei atitudes de preconceito racial com as quais eu nunca concordei, mas sempre me calei sobre esse assunto, que nunca era discutido dentro de casa. Neste aspecto, pra mim, foi importante assistir filmes e novelas sobre a escravidão e o racismo, pois me despertaram um sentimento de revolta e injustiça que me deixaram mais sensível sobre essa questão. Outro fato marcante em minha vida foi uma viagem que fiz a Salvador e, especialmente, a visita ao Pelourinho, onde me encantei com a cultura afro-brasileira.

No meu percurso profissional não me lembro da ocorrência de fatos pontuais relacionados ao racismo, mas sempre observei situações corriqueiras que demonstravam a presença de um racismo disfarçado. Eram palavras que magoavam alguém, piadinhas, frases feitas e estereótipos, principalmente dentro do ambiente escolar, tanto por parte de profissionais como também de alunos (as). Contudo, minha capacidade perceptível acerca do racismo e demais discriminações foi sendo aguçada a partir de algumas formações pelas quais passei.

A participação em um curso sobre homofobia me possibilitou uma boa reflexão sobre preconceito e exclusão social e me fez interessar pelo estudo da questão racial. Porém, o curso mais importante para minha formação foi a Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial nas Escolas (EPPIR). Esse curso veio somar a essas informações ao me dar embasamentos teóricos e reflexões práticas sobre o racismo do dia a dia, que muitas pessoas negras sofrem, na sociedade.

Acho necessário que os (as) profissionais da educação tenham essa formação considerando que os (as) professores (as) são formadores de opinião e lidam diariamente com questões raciais. Além de possibilitar a reflexão, a atualização e o revigoramento profissional,

ela ajudou na reeducação da minha postura perante o (a) meu (minha) aluno (a) negro (a), demonstrando que posso, também, promover a melhoria da minha prática pedagógica, dentro do conteúdo de ciências, incluindo a promoção da igualdade racial. Assim, pude e poderei contribuir para a construção de alternativas políticas e pedagógicas de compreensão e enfrentamento das discriminações e desigualdades étnico-raciais no ambiente escolar.

## 1 A IDENTIDADE NEGRA

No Brasil, a todo instante, é possível presenciar situações onde o racismo está presente, principalmente nas escolas onde as relações sociais são intensas. O racismo é uma “estrutura de poder baseada na ideologia da existência de raças, superiores ou inferiores. Pode evidenciar-se na forma legal, institucional e também por meio de mecanismos e de práticas sociais.” (ROCHA, 2006, p. 28). Segundo Rocha (2006), o racismo se expressa normalmente através do preconceito racial que se configura como um “conjunto de valores e crenças estereotipadas que levam um indivíduo ou um grupo a alimentar opiniões negativas a respeito de outro, com base em informações incorretas, incompletas ou por idéias preconcebidas.” (ROCHA, 2006, p. 28).

No nosso país, frequentemente, os preconceitos raciais são disfarçados, porém alimentam comportamentos agressivos. Eles impedem as pessoas de entenderem o lado do outro, de avaliá-lo e, muitas vezes, de se beneficiarem do que é bom nele. Aqui, parece que é muito importante a afirmação e valorização da identidade racial negra como alicerce para uma sociedade mais justa e harmônica.

Poderia se dizer que, ter uma identidade racial, significa afirmar-se membro de um grupo que possua algo em comum, como traços físicos, história e cultura. Segundo Gomes (2005) “reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.”(GOMES, 2005, p.42).

A construção da identidade racial negra e demais se inicia na infância, no meio familiar e depois se perpetua no contato com os outros, na escola e na comunidade. Outro aspecto a se considerar quanto à formação de uma identidade racial é a relação positiva ou negativa com a própria imagem corporal. Com frequência, a presença de modelos, em nossa sociedade, e principalmente na mídia, influência bastante na construção das identidades.

Muitas vezes, o fato de não se verem representados positivamente na televisão, nos filmes, nos teatros, nos cartazes e nos livros escolares pode levar as crianças e adolescentes negros (as) a se desvalorizarem. Sabe-se que a criança não nasce racista, entretanto ela aprende a ser racista durante a convivência em um ambiente onde a diversidade racial não é respeitada. E, como disse Nelson Mandela: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender [...]”

Não raro, a dificuldade para se formar uma identidade negra positiva está relacionada, principalmente, à criação dos estereótipos associados com os aspectos físicos das pessoas negras. Os estereótipos são ideias preconcebidas a respeito de determinado grupo social e que atribuem a ele características negativas com o objetivo de menosprezá-lo. Conforme Munanga (2005):

O estereótipo é a prática do preconceito. É a sua manifestação comportamental. O estereótipo objetiva (1) justificar uma suposta inferioridade; (2) justificar a manutenção do status quo; e (3) legitimar, aceitar e justificar: a dependência, a subordinação e a desigualdade. (MUNANGA, 2005, p. 65).

Relacionar a cor branca com o bom, o limpo, o puro e a cor preta com o sujo, o feio e o ruim, são tipos de estereótipos. Eles dificultam o processo de aceitação da imagem das pessoas negras causando uma baixa autoestima.

Diversas vezes, as pessoas negras são levadas a negar o que são e assumir uma identidade branca, alisando o cabelo, clareando a pele com produtos químicos. Porém, essa tentativa de embranquecimento da identidade negra causa angústia e retraimento, desvalorizando-a ainda mais. Por outro lado, elas podem resistir e lutar contra a escravidão imposta pela cultura e imagem ideal do branco e mostrar ao mundo suas qualidades, assim como qualquer ser humano, um ser imperfeito.

Constantemente, muitos fatores que impedem a valorização da identidade negra na nossa sociedade estão relacionados com a história da população negra brasileira. A escravidão e a vida numa terra colonizada, desprovida de recursos tecnológicos e explorada por outras nações, deixou as pessoas negras confinadas ao domínio da cultura do homem branco europeu. Várias vezes, até mesmo a ciência e a religião contribuíram para aumentar o racismo no passado, promovendo as desigualdades raciais.

Com assiduidade, para manter a população negra sempre em uma situação subalterna, era utilizada a força e a manipulação psicológica de forma intensa, pois um povo com baixa autoestima perde seu poder para lutar pelos seus direitos sociais. Tudo isso, com a intenção de manter o poder do homem branco e a ideologia da inferioridade das pessoas negras. De acordo com Munanga (1986) “além da força como meio para manter esse violento equilíbrio, recorreu-se oportunamente aos estereótipos e preconceitos através de uma produção discursiva.” (MUNANGA, 1986, p.12).

A todo instante, era preciso reafirmar a posição de desvantagem da pessoa negra e isso foi realizado associando-a a coisas negativas. Sua cor preta era, insistentemente, relacionada a algo sujo e seu comportamento era considerado ruim, independente de suas atitudes. No século XVIII, segundo Munanga (1986) “sexualidade, nudez, feiúra, preguiça e indolência

constituem temas-chave da descrição do negro na literatura científica da época.” (MUNANGA, 1986, p.16).

Em dias mais atuais, em depoimentos coletados por Souza (1983), outros estereótipos relacionados ao nariz, aos lábios, ao cabelo, as nádegas e a sexualidade foram associados às pessoas negras e tidos como motivo de vergonha para elas. Souza (1983) defende a idéia da existência de um mito negro, uma condição imaginária, um discurso, que caracteriza fisicamente as pessoas negras de maneira a desvalorizá-las e forma uma identidade negra negativa e desumana em contraponto com a identidade branca.

Considerando que a identidade das pessoas, no Brasil, está relacionada com a aceitação e a valorização de suas características físicas, da sua cultura e principalmente da sua auto-imagem, fica nítida a percepção de como a sua construção é influenciada pelo racismo. No nosso país, os negros apresentam maior dificuldade para assumir uma identidade positiva em relação a eles mesmos e aos outros devido aos anos de opressão sofridos pelos seus antepassados, a desvalorização de sua estética e à forte presença de uma falsa democracia racial. Além disso, ser negro, aqui, na maioria das vezes, indica a sua posição na hierarquia social.

De acordo com Souza (1983), mesmo pessoas negras que conseguiram uma ascensão social apresentam dificuldades para assumir uma identidade negra positiva. Quanto mais ascensão social elas conseguem, mais elas se assemelham com o branco. Isso ocorre devido ao processo de construção de suas identidades que tem como modelo ideal o branco e demonstra o quão traumática foi a desvalorização da identidade negra no processo histórico do país.

Parece que para eliminar o racismo, acima de tudo é necessária a construção de uma consciência do corpo negro, de seus valores, de sua história, de sua cultura e do preconceito a que foram submetidas as pessoas negras. Conforme Souza (1983) “ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.” (SOUZA, 1983, p.77).

Um grande passo no sentido de afirmação da identidade negra no Brasil ocorreu com o surgimento dos Movimentos Negros que, nos anos de 1980 e 1990, se apresentavam mais fortalecidos e recebiam o apoio de outras instituições como a igreja católica e outros movimentos sociais. Manifestações, passeatas e assembléias foram realizadas de maneira mais organizada e com objetivos mais claros. Os dados levantados sobre a situação dos (as) negros (as) no Brasil permitiram o questionamento das leis e das políticas públicas que

negligenciavam as necessidades dos pobres e das pessoas negras. Os desafios do Movimento Negro eram muitos. As péssimas condições de trabalho das mulheres negras, a falta de estrutura educacional adequada para lidar com as questões raciais, as leis que não puniam crimes de racismo, a violência e a desvalorização da cultura e da aparência dos negros.

Algumas conquistas obtidas nesta época foram muito importantes para refinar as reivindicações em prol da população negra. Segundo Gonzaga (2015) dentre elas podemos citar a criação da Fundação Palmares, a comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), a promulgação da Lei que torna o racismo um crime inafiançável e imprescritível, a participação de mulheres negras ativistas exigindo melhores condições de trabalho e de vida e as primeiras mudanças na área da educação que começaram a aparecer na capacitação dos professores (as) e nas modificações dos livros didáticos.

Neste momento da nossa história, o Movimento Negro desmascarou o mito da democracia racial e cobrou do Estado ações mais efetivas para a valorização da população negra. Ele se tornou mais imponente e reivindicatório, abrindo caminhos para as próximas conquistas nas áreas da política e da educação.

A implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e a aprovação da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da História e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas, foram, também, ações de combate ao racismo que visaram o fortalecimento da identidade racial negra brasileira. A partir daí, a educação começa a trabalhar com a promoção da igualdade racial e isso pode estar ajudando as pessoas negras a conquistarem uma identidade positiva. Iniciou-se, desta forma, um processo de retomada da consciência negra, de reformulação e valorização de sua identidade.

Por outro lado, o desenvolvimento da ciência e a comprovação científica da inexistência de raças biológicas se configuraram, igualmente, como pontos importantes no combate ao racismo. A pesquisa mostrou que todos os seres humanos apresentam pequenas variações genéticas que os diferem uns dos outros e que não justificam a divisão da espécie humana em raças distintas. Segundo Gewandsznajder (2013) “pode haver mais diferenças genéticas entre dois europeus brancos do que entre um europeu e um africano, por exemplo.” (GEWANDSNAJDER, 2013, p.146). Para Gewandsznajder (2013), o termo raça continua sendo utilizado, porém dentro do contexto social, e, muitas vezes, é usado para justificar o racismo, mesmo nos dias atuais. Essa utilização do termo raça no sentido social é confirmada por Gomes (2005) “[...] podemos compreender que as raças são, na realidade, construções

sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico.” (GOMES, 2005, p.49).

O estudo da pele humana foi crucial para essa compreensão científica e demonstrou que ela produz um pigmento, a melanina, que é responsável pela cor da mesma e pela proteção contra os raios ultravioletas do sol. De acordo com Gewandsznajder (2013) “quanto mais melanina uma pessoa tiver, mais escura será a pele dela e maior a proteção contra os raios ultravioletas.” (GEWANDSZNAJDER, 2013, p.139). Possuir a pele escura em regiões mais quentes consiste numa adaptação biológica, um fator positivo para a sobrevivência do ser humano nesse ambiente. Esse fator é geneticamente herdado dos ancestrais e confere a capacidade de produzir grandes quantidades de melanina.

Outras características físicas que foram utilizadas para estereotipar os negros, como o tipo de cabelo e o formato do nariz, consistem, também, em fatores adaptativos ao meio ambiente. Bento (1999) explica que “[...] cabelo encarapinhado tende a proteger mais a cabeça dos raios solares, ao contrário do cabelo liso.” (BENTO, 1999, p.19) e acrescenta que “[...] o nariz mais largo constitui traço característico de povos que habitam regiões quentes e de ar úmido.” (BENTO, 1999, p.19). Para Gewandsznajder (2013) se todos os seres humanos fossem muito parecidos geneticamente a sobrevivência da espécie humana estaria ameaçada, pois “[...] a diversidade de indivíduos é uma característica importante para a sobrevivência de uma espécie.”. (GEWANDSZNAJDER, 2013, p. 146).

Outras comprovações científicas, como a descoberta que a África é o berço da humanidade e a origem de todos os grupos humanos e, também, a demonstração de que os africanos contribuíram para o desenvolvimento tecnológico da humanidade, como por exemplo, os egípcios, são alguns exemplos de fatos positivos que nunca foram associados à história das pessoas negras e que passam a fazer parte de suas contribuições para o desenvolvimento da humanidade.

## **1.1 A escola**

A Escola Municipal Vasco Pinto da Fonseca se situa no Bairro Eldorado em Contagem, Minas Gerais. Ela possui aproximadamente 900 alunos (as) distribuídos em três turnos e é uma instituição que apresenta abertura para a implantação de projetos de promoção da igualdade racial e inclusão dessa temática no seu PPP (Projeto Político Pedagógico).

O estudo das Relações Étnico-Raciais e da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, conforme determina a Lei 10.639/03, é desenvolvido, principalmente, dentro dos conteúdos de História, Português, Artes e Ensino Religioso.

No ano de 2015, a realização de uma Mostra Cultural com o tema “**Caminhando por nossas raízes africanas**” foi prevista no calendário escolar para o dia 29 de agosto. Esse, também, foi o tema das Olimpíadas esportivas e das comemorações na Semana da Consciência Negra.

A escola oferece o ensino fundamental baseado em Ciclos de Formação Humana e é considerada uma escola pública de referência na região. No turno da manhã estão os estudantes do 3º ano do 2º ciclo e todos os anos do 3º ciclo, designados atualmente como 6º, 7º, 8º e 9º anos. Os (as) estudantes são, em grande maioria, heterogêneos quanto ao quesito raça/etnia.

A turma que escolhi para o desenvolvimento deste trabalho de promoção da igualdade racial é do 7º ano “E” devido ao fato de ser minha turma de referência, onde tenho maior contato com os (as) alunos (as), pois as aulas de laboratório só acontecem de 15 em 15 dias. Essa turma é composta por 21 estudantes e apresenta, conforme análise dos professores (as), grande capacidade de comunicação e reflexão sobre temas propostos. Esses (as) estudantes possuem idades entre 12 e 14 anos, sendo, portanto, adolescentes. Quanto a classificação étnico-racial, de acordo com minhas observações da cor da pele e outras características físicas, eles são 3 pretos, 7 brancos e 11 pardos.

## **1.2 Os estereótipos e a desvalorização da identidade negra na escola**

No início do ano letivo de 2015, fiz a seguinte pergunta para os (as) estudantes dessa turma: “Você já sofreu preconceito racial na escola? Qual?” Somente a estudante Maria\* respondeu afirmativamente. Segundo ela as pessoas a chamam de “boa” e que seu cabelo é de “medusa” e isso a incomoda bastante dentro do ambiente escolar. Levando em consideração que ela possui tonalidade de pele negra e aparenta grande beleza estética, detectei a presença de estereótipos relacionados à sexualidade da mulher negra e ao seu cabelo.

Em outro momento, os alunos Pedro e João comentaram que quando as coisas estão difíceis eles falam muito as frases “a coisa tá preta” “ficou preto”, relacionando a cor preta com algo ruim. Além disso, o estudante Marcelo, se queixou das constantes piadas, por parte

---

\* Foram utilizados codinomes para todos (as) estudantes citados no decorrer desse trabalho com o objetivo de preservar a identidade dos (as) mesmos (as).

dos colegas, referentes ao seu cabelo que apresenta um estilo black power e que eles insistem em dizer que é “cabelo ruim”.

Essas situações demonstraram que ao responder a pergunta inicial, os (as) estudantes não consideraram tais fatos como atitudes de racismo, pois somente uma pessoa disse já ter sofrido preconceito. Na realidade, essas atitudes preconceituosas já estão tão enraizadas no cotidiano escolar que são tidas como normais e muitos acham que não são atos racistas. No Brasil, “[...] a longa e histórica estabilidade da desigualdade entre negros e brancos faz que o convívio cotidiano com ela passe a ser encarado pela sociedade como algo natural.” (JACCOUD; BEGHIN, 2002, p.12). Nota-se que, além da presença de um racismo camuflado, o uso dos estereótipos também revela a existência de preconceito nas relações escolares. “O cabelo do negro, visto como ‘ruim’, é expressão do racismo e da desigualdade que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como ‘ruim’ e do branco como ‘bom’ expressa um conflito.” (GOMES, 2012, p. 21).

Outro acontecimento marcante, no decorrer do ano, durante uma prova do governo, foi o fato da aluna Maria, citada anteriormente, ter apresentado dúvida sobre a cor da sua pele segundo a classificação do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), “branca ou parda”, depois de muita reflexão ela marcou a parda. Isso demonstrou que existe uma dificuldade para se reconhecer como negro no Brasil e que a questão da valorização da identidade negra precisa ser trabalhada com os jovens na escola.

Além das ocorrências relatadas, observei que os cartazes e murais da escola não retratam a diversidade racial brasileira. As imagens dos painéis, quando presentes, em sua maioria são de pessoas brancas. Esse silêncio da escola perante a presença da identidade negra dificulta, ainda mais, a construção de uma identidade positiva por parte dos (as) jovens negros (as) e impede a valorização da diversidade racial na escola.

### **1.3 O racismo na escola e as práticas pedagógicas**

A família, a escola e a comunidade apresentam papéis principais na valorização da identidade negra e da diversidade racial. Dar visibilidade às características positivas das pessoas negras, mostrando-as na mídia, nos cinemas e teatros também é importante. Apoiar as políticas públicas de combate ao racismo possibilita a consolidação dos direitos que foram negados a essas pessoas.

Nas escolas, faz-se necessário um trabalho contínuo para a promoção da igualdade racial e a valorização da identidade negra. Iniciando pela escolha de livros didáticos

adequados, que mostrem as pessoas negras de maneira positiva e não somente em posições subalternas. Garantindo um acervo na biblioteca que contemple a diversidade racial, onde as crianças e os adolescentes negros se sintam representados. Preparando os (as) professores (as) e gestores e possibilitando que façam cursos de formação, que os tornem aptos a trabalhar na perspectiva da Lei 10.639/03.

Eliminar o racismo dentro das escolas é um dos grandes desafios da sociedade. Infelizmente, “estudos têm mostrado que os alunos negros enfrentam dificuldades para permanecerem na escola, sendo os que apresentam as maiores taxas de evasão e repetência.” (ABRAMOWICZ; GOMES, 2010, p. 84). “A criança negra não encontra na escola modelos de estética que afirmem (ou legitimem) a cor de sua pele de forma positiva [...]” (ABRAMOWICZ; GOMES, 2010, p. 85). “[...] as crianças negras, para obterem sucesso na escola, precisam ‘branquear-se’.” (ABRAMOWICZ; GOMES, 2010, p. 86).

Esses fatos somados à falta de representação positiva das características físicas das pessoas negras e ao uso de estereótipos relacionados à identidade negra, identificados anteriormente, demonstram que é necessário trabalhar com práticas pedagógicas que reforcem as identidades positivas das pessoas negras no ambiente escolar. Em uma fase do desenvolvimento humano, tão peculiar, como a adolescência, é importante cultivar o respeito às diferenças individuais e mostrar o lado bom da diversidade racial. Não podemos aceitar que os (as) jovens negros (as) sejam apelidados (as), ofendidos (as) ou excluídos (as), pois essas atitudes hostis alteram a construção de suas identidades e afetam negativamente os seus percursos escolares. Cabe aos (as) professores (as) ficarem atentos (as) e observarem atitudes e comportamentos que objetivem a desvalorização das pessoas negras, podendo inibi-los ou interagir com esses problemas através de práticas pedagógicas pertinentes.

Diante dos fatos apresentados, proponho a realização de uma prática pedagógica na perspectiva da Lei 10.639/03, que poderá ajudar na educação das relações étnico-raciais na escola através da pesquisa científica sobre as características da pele humana. A realização de um estudo sobre a melanina e as variações na cor da pele poderá possibilitar a reflexão sobre as questões relacionadas ao racismo e ao respeito à estética negra. Pode ser importante, também, que os (as) estudantes entendam as singularidades de outros atributos físicos associados aos estereótipos usados para desvalorizar a identidade negra, como por exemplo, o tipo de cabelo. Esses, além de serem conteúdos curriculares no ensino de ciências, são assuntos de grande interesse dos (as) adolescentes que se mostram, no geral, bastante preocupados (as) e críticos (as) com a sua própria imagem e com a do outro.

A divulgação dos conhecimentos adquiridos numa Mostra Cultural, pode ser significativa, já que poderá permitir que eles sejam passados adiante para os outros componentes da comunidade escolar e possibilitar uma maior interação com o tema. Outra forma de representar as pessoas negras de maneira positiva e ajudar a eliminar os estereótipos do ambiente escolar, é a confecção de cartazes e de marcadores de textos para o repasse de mensagens para a comunidade com um olhar positivo para a igualdade racial e a valorização da identidade negra.

As atividades interdisciplinares são necessárias para o trabalho com a identidade negra na escola. Dentre elas, podemos citar a produção de autorretratos que, possivelmente, poderão ser utilizados como instrumento de análise sobre a percepção da identidade de cada um e valorização de suas características físicas. Além disso, será indispensável a interação com órgãos públicos, no sentido de parceria, como as Coordenadorias da Igualdade Racial, para a realização de oficinas, palestras e roda de capoeira, como um modo, provável, de atrair a participação da comunidade e complementar os trabalhos realizados pelos (as) estudantes e professores (as).

#### **1.4 Objetivo geral**

Contribuir para a valorização da identidade negra no ambiente escolar e a eliminação de estereótipos relacionados às pessoas negras, para que melhore a aceitação e o respeito pelas qualidades físicas individuais dos (as) estudantes negros (as), estudando, portanto, as características da pele humana e fazendo uma reflexão sobre a associação entre a cor da pele e a discriminação racial.

#### **1.5 Objetivos específicos**

- a) Estudar as principais funções e características da pele humana;
- b) Observar, no microscópio, a camada superficial da pele (epiderme);
- c) Estudar a importância da melanina e sua atuação na determinação das diferentes colorações da pele humana;
- d) Discutir as questões raciais associadas às diferentes colorações da pele;
- e) Estudar outras adaptações biológicas associadas à identidade racial, como, por exemplo, o tipo de cabelo;
- f) Promover a valorização da identidade negra e da diversidade racial no ambiente escolar;
- g) Promover reflexões e discussões sobre as questões raciais na escola;

h) Demonstrar que o conhecimento científico pode ser usado para eliminar o racismo e os estereótipos na escola.

## **2 PLANEJAMENTO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

Período: todo o mês de agosto/2015 culminando com a apresentação dos trabalhos, no dia 29/08/2015, na Mostra Cultural: **“Caminhando por nossas raízes africanas”**.

Local: Laboratório de Ciências, sala de artes e pátio interno da escola.

Turma : 7º ano “E”

Número de aulas previstas: 5 aulas de 50 minutos.

Atividades:

1ª semana : Leitura e discussão com os (as) estudantes dos textos sobre a pele e o cabelo contidos no capítulo “sentindo na pele” (ROCHA, 2006, p. 91-105). Tempo previsto: 50 minutos (uma aula).

2ª semana: Realização de uma aula prática para observação da camada superficial da pele no microscópio e discussão sobre o racismo e questões raciais relacionadas às características físicas individuais. Tempo previsto: 50 minutos (uma aula).

3ª semana: Confecção de cartazes e marcadores de texto com mensagens sobre a valorização da identidade negra e da diversidade racial. Tempo previsto: 50 minutos (uma aula).

4ª semana: Seleção de materiais e preparo dos (as) estudantes interessados em apresentar a atividade prática na Mostra Cultural. Elaboração de autorretratos. Tempo previsto: uma hora e 40 minutos (duas aulas).

### **2.1 Metodologia das atividades práticas**

Na primeira aula destinada à realização do trabalho, façam a leitura, e discutam os textos sobre a pele e o cabelo citados no planejamento anterior. Tais textos introduzem o estudo da pele, dos cabelos e da temática racial e possibilitam uma boa reflexão sobre o racismo.

Na segunda aula, realize, com cada aluno (a), a experiência de observação da epiderme da pele, no microscópio, respeitando a sequência a seguir:

1- “Espalhe um pouco de tinta nas costas da mão e espere secar;” (ROCHA, 2006, p. 94), (foto1). Esse procedimento vai permitir que o corante da tinta entre em contato com as células da camada superficial da pele, corando-as e permitindo uma melhor visualização no

microscópio. Nesse momento, crie estratégias para atrair estudantes com tonalidades de pele variadas para participarem da atividade e das fotografias.

**Foto 1 – Espalhe a tinta na pele**



Fonte: Fotografia da autora.

2- Depois, “Coloque sobre a tinta um pedaço de fita adesiva transparente e aperte;” (ROCHA, 2006, p. 94), (foto 2).

**Foto 2 – Cole a fita adesiva**



Fonte: Fotografia da autora

3- “Retire a fita (foto 3) e cole-a na lâmina (foto 4), posicionando-a no microscópio , e observe bem (foto 5).” (ROCHA, 2006, p. 94). Essa retirada da fita permite a coleta das células mais superficiais da pele que se desprendem com facilidade, pois a epiderme sofre constante descamação. É importante, também, deixar claro que tal procedimento não causa nenhum tipo de desconforto.

**Foto 3 – Retire a fita**



**Fonte: Fotografia da autora**

**Foto 4 – Cole a fita na lâmina**



**Fonte: Fotografia da autora**

**Foto 5 – Observe a lâmina no microscópio**



**Fonte: Fotografia da autora**

Oriente o (a) estudante para observar, na sua lâmina (Foto 5), como as células da epiderme são bem unidas e pensar com qual função da pele essa característica se relaciona. É importante, também a observação dos pelos e a comparação com a lâmina de outro colega, dizendo as diferenças entre elas.

Faz-se necessário explicar, nesse momento, que a melanina não é visível no microscópio óptico e que ela é produzida nas camadas mais profundas da epiderme. Esclareça, ainda, que o tipo de pelo, assim como a cor da pele é determinado geneticamente e suas cores dependem da quantidade de melanina que a pessoa produz. Nessa aula, peça aos (as) estudantes que tragam de casa, para a próxima aula, figuras que valorizem a identidade negra e a diversidade na escola.

Na terceira aula, use as figuras trazidas e façam cartazes com frases sobre a pele, o cabelo e a valorização da diversidade étnico-racial. Utilize os marcadores de texto como molde para que os (as) estudantes possam fazer novos marcadores com os cartazes coloridos. Digite, no computador, frases escolhidas pelos (as) alunos (as) sobre a identidade étnica e o preconceito racial e cole-as nos marcadores de texto.

Na quarta aula, selecione e treine os (as) estudantes interessados em realizar a atividade prática sobre a pele humana com os visitantes da Mostra Cultural, utilizando a mesma técnica descrita acima e conversando com a comunidade sobre a questão do racismo e a importância da valorização da identidade negra. Converse com os (as) estudantes sobre a elaboração de seus autorretratos, com a orientação do professor de artes, e digam quais as características físicas eles apreciam em si mesmos.

Ligue para a Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial de sua cidade e solicite a possibilidade de realização de oficina de penteado afro, roda de capoeira e palestra sobre a identidade negra durante a Mostra Cultural na escola. Caso seja possível, providencie os materiais para a oficina e organize os locais adequados para apresentação da roda de capoeira e da palestra.

## **2.2 Recursos utilizados**

Os materiais usados em todo o trabalho foram fornecidos pela escola ou são materiais permanentes da mesma. Portanto, a colaboração dos gestores, no fornecimento, organização e disposição desses materiais, foi essencial para a realização e dinamização dos trabalhos em melhores condições. Alguns deles foram usados na aula prática sobre a pele, na confecção dos cartazes, dos marcadores e dos autorretratos, como: um microscópio óptico, uma caixa com 50 lâminas para microscopia, tinta atóxica vermelha, fita adesiva transparente, 8 cartazes nas cores amarela, verde, vermelho e preto, fotos ou gravuras de variados tipos de pessoas, marcadores de texto, computador, impressora, folhas de ofício, lápis de cor.

Outros materiais que não estavam previstos inicialmente, foram solicitados quando foi confirmada a realização da oficina de penteados e a palestra, sendo eles: 3 tesouras pequenas, pacotes pequenos de lãs coloridas sendo 3 de cada uma das seguintes cores: verde, vermelho, amarelo, rosa, preto, branco e azul, 4 pentes finos e 2 mais grossos, um pacote de piranha, 2 pacotes de grampos pretos, dois potes de gel, um pente de ponta fina e data show.

### **3 RESULTADOS E ANÁLISE CRÍTICA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Os resultados obtidos são analisados, a seguir, de acordo com a atividade desenvolvida com os (as) estudantes e estão dispostos na mesma cronologia de sua realização.

#### **3.1 Discussão dos textos sobre a pele e o cabelo**

O foco do estudo dos textos sobre a pele e o cabelo humanos, foi proporcionar esclarecimento das dúvidas que os (as) estudantes viessem a apresentar em relação às questões raciais e, além disso, torná-los mais aptos para a realização da atividade prática sobre a pele humana e para a reflexão sobre a valorização da identidade negra na escola.

Durante a realização da leitura dos textos, o estudante Rafael falou sobre a importância de se ter mais melanina e como as pessoas negras deveriam se orgulhar de sua cor de pele, mas que isso não acontece na realidade. Ele disse, também, que os negros podem ficar mais no sol, que são mais protegidos pela melanina.

O aluno Paulo afirmou que não é racista, que tem amigos negros e gosta muito deles. Considerei que ao fazer tal afirmação, o estudante queria dizer que não discrimina os amigos por serem negros, todavia, na nossa sociedade, dificilmente, alguém se considera racista. Isso ocorre devido ao mito da democracia racial e a presença de um racismo camuflado e disfarçado evidenciado apenas pelas estatísticas que mostram a situação de exclusão das pessoas negras nos setores da educação, da saúde, da política e do emprego.

No instante seguinte, Joaquim, um menino branco, dos olhos verdes e cabelos louros, disse que é chamado constantemente de “branquelo” pelos colegas e que isso não é punido, mas se chamarem um negro de “macaco” tem punição, demonstrando falta de conhecimento sobre o racismo, uso de estereótipo e insensibilidade com a questão racial. A valorização de todos os grupos raciais é um dos objetivos de grande importância para a escola, contudo, quando se referem às pessoas negras, “na verdade, todas essas piadinhas denunciam alguma forma de preconceito, que cedo ou tarde acaba emergindo, acompanhada de atitudes discriminatórias.” (ROCHA, 2006, p. 31).

Foi necessário deixar claro para os (as) alunos (as) que chamar alguém de “branquelo” no nosso contexto social, se configura como um elogio, porém, chamar uma pessoa de “macaco” é o mesmo que compará-la com um animal, um ser inferior, sem inteligência e, isso sim, deixa marcas profundas na autoestima das pessoas negras e se configura como uma atitude racista. Vale dizer que nós brasileiros somos afetados, até os dias atuais, pela ideologia do branqueamento da população brasileira que foi “um conjunto de idéias que defendiam a

miscigenação, com o objetivo de, por intermédio dos casamentos inter-raciais, transformar o Brasil em um país branco e, conseqüentemente, promover um processo de extinção da raça negra.” (ROCHA, 2006, p. 27). Essa idéia discriminatória que pretendia mostrar uma suposta superioridade das pessoas brancas em relação às negras foi um dos alicerces do racismo no Brasil que até hoje dificulta o processo de valorização da identidade negra.

Quando terminamos as leituras, a estudante Lucia disse que não sabia da existência da Lei N° 7.716/89 que pune o crime de racismo e também desconhecia as diferenças entre racismo e bullying. Na escola, muitas vezes, o termo bullying é usado excessivamente. Então, pesquisamos que o bullying é uma agressão física ou moral dirigida à pessoa de qualquer raça/etnia enquanto o racismo é um preconceito que atinge, principalmente, as pessoas negras em nosso país e no mundo.

Em relação ao racismo foi importante destacar que “a discriminação é algo assim como a tradução prática, a exteriorização, a manifestação, a materialização do racismo, do preconceito e do estereótipo” (MUNANGA, 2005, p. 63). Isso implica pensar que a discriminação racial ocorre quando as pessoas negras são prejudicadas em relação aos seus direitos sociais e humanos em virtude do racismo.

Enquanto conversávamos, a aluna Vera perguntou por que as pessoas negras têm “facilidade para entrar na faculdade” se referindo a Lei N° 12.711/12 que institui as cotas nas universidades federais e institutos técnicos federais para estudantes negros (as). Nesse momento, foi importante a explicação de como essa Ação Afirmativa vem reparar a injustiça social cometida contra as pessoas negras, que foram excluídas do sistema educacional no passado uma vez que as Ações Afirmativas são “políticas públicas compensatórias, voltadas para reverter as tendências históricas que conferiram a grupos sociais uma posição de desvantagem, particularmente nas áreas da educação e do trabalho.” (ROCHA, 2006, p.26).

Notei que, nesta aula, os (as) estudantes fizeram poucas perguntas sobre as principais funções da pele e dos pelos na proteção do corpo, porém, eles (as) se detiveram mais tempo na discussão das questões relacionadas com as relações raciais e a cor da pele e a repercussão delas em nossa sociedade como a criação da Lei contra o racismo e a Lei das cotas.

Sabemos que o preconceito, muitas vezes, é fruto de julgamentos, de opiniões fundamentadas em informações incorretas, ou da falta deles. Portanto, um maior conhecimento sobre palavras, expressões e visões históricas deturpadas (ou não contadas pela historiografia oficial) sobre o povo negro são essenciais para uma intervenção pedagógica positiva no ambiente escolar, diante das questões raciais. (ROCHA, 2006: 25).

Considerarei esta intervenção positiva uma vez que os (as) jovens têm muitas informações incompletas sobre o racismo e que podem gerar falsas interpretações, além disso,

esse momento se configurou em uma situação de conversa bastante reflexiva sobre as questões raciais divulgadas em nossa sociedade.

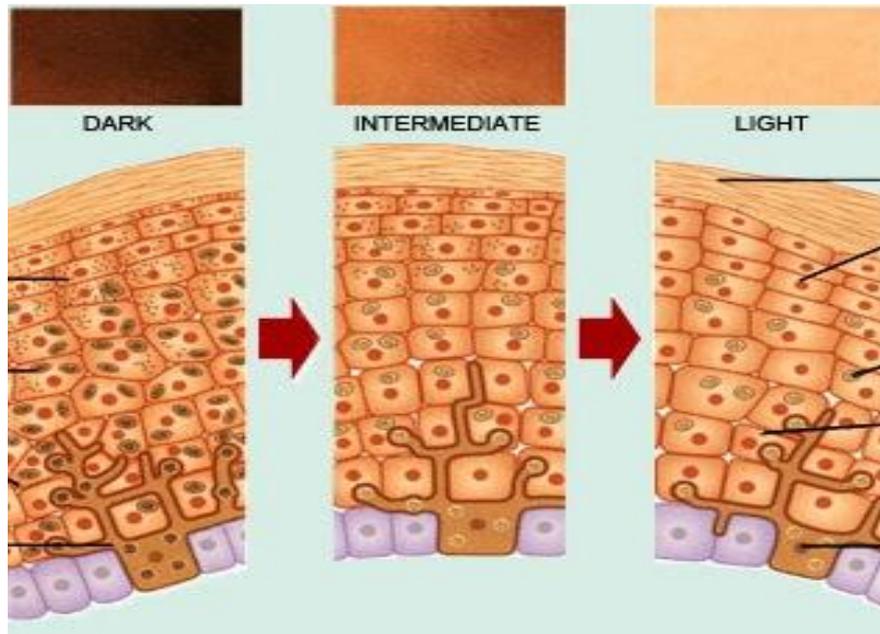
### **3.2 Atividade prática sobre a pele humana no laboratório de ciências**

A observação da pele humana no microscópio foi realizada com o intuito de identificar características biológicas da pele e do cabelo humanos e, a partir disso, discutir as relações entre a cor da pele e o racismo a fim de favorecer a eliminação dos estereótipos racistas e promover a valorização da identidade negra no ambiente escolar.

Esta atividade foi realizada com a turma do 7º ano “E”, como previsto inicialmente no planejamento, e posteriormente com outras 3 turmas do 7º ano, devido à curiosidade dos (as) estudantes em relação à essa prática. Portanto, as observações e análises realizadas se referem às quatro turmas e aos fatos acontecidos de maior importância dentro da temática racial.

Quando a aluna Vera observou a lâmina da pele, no microscópio, ela perguntou por que as células ficam tão “juntinhas” (imagem 1), e, em seguida relacionou essa característica com a função de proteção. Logo depois, o aluno José quis saber onde fica a melanina. Expliquei que ela é produzida mais internamente na pele e fica depositada, em forma de grãos, dentro de cada uma das células da epiderme (imagem 1). Os (as) alunos (as) entenderam que não era possível vê-la, devido ao tipo de lâmina e microscópio utilizado, mas concluíram que ela estava presente devido às diferentes colorações da pele e do cabelo e, através de pesquisas eles (as) entenderam que: “O que difere uma pessoa de cor escura de uma pessoa de cor clara é somente a quantidade de melanina que é produzida. Nada mais.” (CAMERINI, 2012).

**Imagem 1 - Esquema que mostra a única diferença entre as pessoas de pele clara e de pele escura: a quantidade de melanina depositada nas células da pele.**



**Fonte: Camerini, 2012**

Uma vez realizada a sua observação, a aluna Vanessa lembrou, da aula anterior, que a melanina protege contra a ação dos raios ultravioletas do sol, evitando assim, o câncer de pele e o fotoenvelhecimento. Nesse momento, o aluno Marcelo disse ter orgulho de ser negro, o que comprovou a validade desse tipo de abordagem como medida auxiliar na promoção da valorização da identidade negra na escola.

Na medida em que os (as) estudantes fizeram a comparação entre as lâminas das suas peles e a de seus (suas) colegas, ficou esclarecido que, mesmo a pele possuindo colorações diversas, a estrutura desse órgão é igual em todos (as) nós, visto que, eles (as) não observaram grandes diferenças entre as lâminas. Isso demonstrou, para os (as) estudantes, que a sociedade é que criou as diferenças entre as pessoas negras e as brancas, baseada em idéias estereotipadas e que é importante respeitar a diversas características físicas das pessoas, evitando julgá-las pela cor de sua pele.

Em seguida, devido à incerteza apresentada pela aluna Maria sobre sua classificação racial, como descrito anteriormente, considerei relevante a explicação sobre a classificação da cor da população brasileira utilizada pelo IBGE em pretos, pardos, brancos, amarelos e indígenas, salientando que os pretos e pardos são considerados negros. Porém, achei apropriado esclarecer que no Brasil, muitas pessoas apresentam dúvidas ao se enquadrarem

nessa classificação devido à grande mestiçagem da população brasileira e a presença do racismo.

Esse conflito é comprovado no caso das pessoas mestiças brasileiras, pois “essa indefinição social, [...] conjugada com o ideário do branqueamento, dificulta tanto a sua identidade como mestiço quanto a sua opção da identidade negra.” (MUNANGA, 2004, p. 140). Gomes (2012), também, confirma essa dificuldade na classificação racial porque, segundo ela “as 136 categorias de cores com as quais o brasileiro e a brasileira se autoclassificaram no censo de 1980 revelam a presença de um conflito que se expressa por meio do nosso sistema de classificação racial.” (GOMES, 2012, p. 290).

A ocorrência na escola, em relação a esse conflito, entretanto, mostra-nos que, não devemos levar em consideração apenas a observação da cor da pele para classificar uma pessoa racialmente. Além dos outros sinais diacríticos, como, tipo de cabelo, formato do nariz e do corpo, a classificação racial também se encontra associada à postura política e social da pessoa e aos processos de formação da sua identidade. “Ser negro no Brasil não se limita às características físicas. Trata-se, também, de uma escolha política. Por isso, o é quem assim se define.” (BRASIL, 2013, p. 89).

Tudo isso fica evidenciado na atitude da estudante, pois naquele momento de indefinição quanto a sua classificação racial ela deve ter pensado sob o ponto de vista de vários aspectos e, principalmente na questão da identidade. A importância do fator social para a formação da identidade é confirmada por Munanga (2004):

Do ponto de vista biológico e sociológico, a mestiçagem e a transculturação dos povos que aqui se encontraram é um fato consumado, porém a identidade é um processo sempre negociado e renegociado, de acordo com os critérios ideológicos-políticos e as relações de poder. (MUNANGA, 2004, p. 118).

No decorrer da atividade prática, a estudante Ana observou na lâmina a presença de pelos. Nesse momento, foi relevante esclarecer que os diferentes tipos de cabelos e formatos do nariz são adaptações biológicas que garantem a sobrevivência do ser humano em ambientes diversos e isso deve ser motivo de orgulho para as pessoas e não de vergonha. De acordo com Rocha (2009), o conhecimento científico, nesse aspecto, pode ser um aliado no combate ao racismo:

Referências científicas às características físicas (nariz, cabelo crespo, cor da pele), como estratégia de valorização do pertencimento racial dos (as) estudantes negros (as), serão uma forma de eleger a afetividade como um dos instrumentos pedagógicos eficazes para uma socialização positiva dos mesmos. (ROCHA, 2009, p. 63).

Diante disso, ficou claro que as atitudes que constroem as pessoas devido as suas características físicas devem ser evitadas. Piadas sobre o cabelo, a cor da pele, o corpo ou outras características físicas individuais podem se configurar como atitudes racistas. Isso por que os apelidos recebidos na escola são, muitas vezes, responsáveis pela construção de uma autoimagem negativa e “são, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e na adolescência.” (GOMES, 2012, p. 185).

Perante os argumentos apresentados, essa atividade se mostrou pertinente para a abordagem da temática racial na escola. Além de ter atraído a curiosidade e a emoção dos (as) estudantes, o tema faz parte do currículo, e possibilitou uma reflexão sobre as questões relacionadas com os estereótipos e piadas sobre as pessoas negras. Ficou comprovado que a análise das características da pele pode ajudar os (as) estudantes a entenderem que todos nós somos muito parecidos e que precisamos eliminar o racismo da nossa sociedade, levando as pessoas negras a se orgulharem de seu pertencimento racial e a valorizarem suas identidades.

Entretanto, cabe ao (a) professor (a), sair do lugar comum e adotar uma postura observadora e crítica em relação às atitudes dos (as) estudantes, procurando cativar e dar segurança àqueles (as) que apresentarem dificuldade para participar das discussões, das apresentações e das fotografias.

### **3.2 Produção de cartazes e marcadores de texto**

A confecção de cartazes e marcadores de textos pelos (as) estudantes teve como finalidade o repasse de mensagens, para a comunidade, durante a Mostra Cultural, sobre a igualdade racial e a valorização da identidade negra.

Todos (as) os (as) alunos (as) ajudaram na confecção dos cinco cartazes e dos marcadores de texto. Eles (as) optaram por utilizar, para decorá-los, algumas cores da bandeira da África do Sul, país bastante representativo do continente africano, como forma de valorizar a nossa ancestralidade africana. Os (as) estudantes (Foto 6) escolheram as frases que foram coladas nos cartazes e nos marcadores de texto que foram entregues para os visitantes da Mostra Cultural, após a realização da atividade prática e explicação do trabalho.

**Foto 6 – Produção de marcadores de texto por estudantes**



**Fonte: Fotografia da autora**

As mensagens coladas nos marcadores de texto (Foto 7) foram sobre o racismo, o preconceito racial e a identidade étnica e tiveram como objetivo estimular a comunidade a refletir sobre as questões raciais.

**Foto 7 - Marcadores de texto**



**Fonte: Fotografia da autora**

O cartaz sobre a atividade prática (Fotos 8 ) mostrou aos visitantes o passo a passo para realização do experimento.

**Foto 8 - Cartaz sobre atividade prática**



Fonte: Fotografia da autora

A frase sobre a determinação da cor da pele pela melanina (Foto 9) permitiu o repasse do conhecimento científico adquirido sobre a pele humana durante a aula prática no laboratório de ciências.

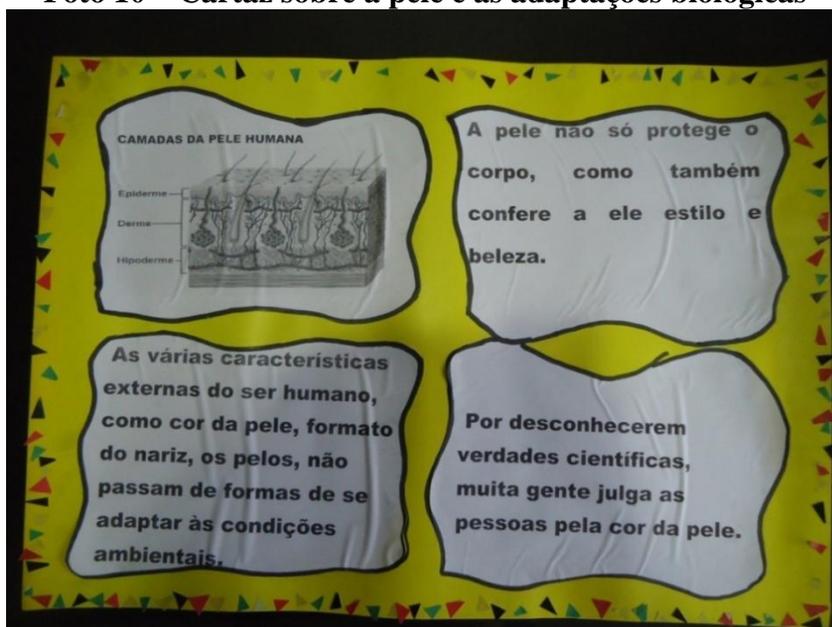
**Foto 9 - Cartaz sobre atividade prática e a cor da pele**



Fonte: Fotografia da autora

No cartaz seguinte (Foto 10) aliou-se a importância do conhecimento científico sobre a estrutura da pele e outras adaptações biológicas à questão da beleza e a valorização das diversas características físicas do corpo humano, como forma de combater os estereótipos relacionados à identidade negra na escola.

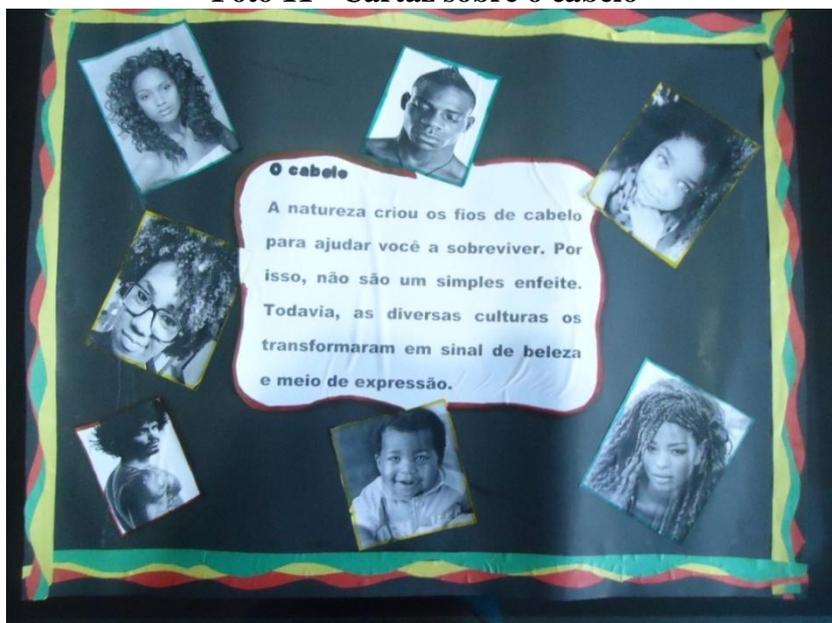
**Foto 10 – Cartaz sobre a pele e as adaptações biológicas**



Fonte: Fotografia da autora

O estudo das funções e características dos diversos tipos de cabelos permitiu o conhecimento sobre a utilidade adaptativa dos mesmos, a reflexão sobre elaboração de estereótipos no ambiente escolar e a valorização da estética negra, evidenciados no cartaz (Foto 11). Além disso, esse tema vem de encontro a um assunto importante para o período da adolescência, pois o cabelo é considerado um símbolo da beleza negra.

**Foto 11 - Cartaz sobre o cabelo**



Fonte: Fotografia da autora

O cartaz a seguir (Foto 12) mostrou a importância de se valorizar a diversidade étnico-racial e a contribuição de todos os povos para o desenvolvimento da humanidade. “A

diversidade permite a pluralidade, a aceitação da diferença e cria espaço para a inclusão de todos, independentemente de suas escolhas, pertencimentos, credos etc.”. (ROCHA, 2009, p. 86). O painel demonstra a necessidade de valorização de grupos discriminados, como o das pessoas negras, que precisam se orgulhar de seu pertencimento racial. Para isso, além da valorização de suas características físicas, é essencial o reconhecimento das contribuições culturais e tecnológicas que os povos negros tiveram no desenvolvimento humano.

**Foto 12 – Cartaz sobre a diversidade étnico-racial**



Fonte: Fotografia da autora

A produção dos marcadores de texto e dos cartazes e suas apresentações, como parte dos trabalhos escolares, demonstraram serem técnicas eficazes de divulgação de conhecimentos e transmissão de mensagens na comunidade, facilitando o processo de comunicação e reeducação das posturas em relação à identidade negra.

### **3.3 Mostra Cultural: caminhando por nossas raízes africanas**

A consolidação dessa prática pedagógica coletiva teve como objetivo o enfretamento do racismo e a educação para as relações étnico-raciais na escola. Essa Mostra Cultural ocorreu na Escola Municipal Vasco Pinto da Fonseca, situada na Rua das Paineiras, 1500, Bairro Eldorado, Contagem, MG, no dia 29 de agosto de 2015, no horário de 9 às 13 horas.

O tema escolhido para a Mostra Cultural (Foto 13) foi “**Caminhando por nossas raízes africanas**”, em referência a nossa ancestralidade africana e também a grande influência e contribuição dos povos africanos da diáspora na construção do Brasil, pois “apesar das contradições e mesmo tendo sido ‘plantada’ e/ou ‘replantada’ em condições adversas, a

africanidade recriada no Brasil e que compõe a identidade do negro brasileiro continua sendo uma característica marcante.” (GOMES, 2012: 174).

**Foto 13 - Visão geral da Mostra Cultural**



**Fonte: ESCOLA MUNICIPAL VASCO PINTO DA FONSECA, 2015.**

A realização da Mostra Cultural contou com a participação da grande maioria dos (as) profissionais da escola, dos (as) estudantes, da equipe gestora, da comunidade local e foi articulada com atividades promovidas pela Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial de Contagem. Esse órgão público enviou palestrantes, expositores, capoeiristas e oficinas para a escola.

O evento contou com apresentações de trabalhos nas áreas de Português, História, Artes, Ciências, Matemática e Geografia. A conexão de todos esses conteúdos curriculares com o intuito de promover a igualdade racial na escola implica pensar que a temática racial é assunto de grande importância para o desenvolvimento dos nossos estudantes tanto negros como brancos. Vale dizer, também, que a valorização da identidade racial negra reforça a constituição de uma escola mais democrática e livre de preconceitos.

A necessidade dessa escola em adotar medidas para consolidar o respeito, o reconhecimento e a valorização das pessoas negras na sociedade possibilitou esse momento reflexivo para toda a comunidade. Essa atitude demonstrou que todos (as) temos que nos reeducar para lidar com as questões étnico-raciais e que a educação é o melhor veículo para essa mudança.

Observe, a seguir, o cronograma de atividades da Mostra Cultural:

**Quadro 1 – Cronograma de atividades da Mostra Cultural**

ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	HORÁRIO	LOCAL	PÚBLICO
CICLO DE DEBATES Palestra 1: Educação para as relações raciais.	Palestrante: Madú Galdino	9hs	Auditório	Educadores, estudantes, familiares e comunidade em geral
Palestra 2: O negro e a mídia	Palestrante: Denilson Tourinho	11hs		
APRESENTAÇÃO CULTURAL: Roda de capoeira	Grupo Raiz das Gerais	10:30hs	Quadra do refeitório	
ESPAÇO DE BELEZA: Penteados afros	Fabiana Pansica	A partir de 10hs		
EXPOSIÇÕES: Personalidades negras brasileiras	Marcio Januário			
Instrumentos musicais de origem africana, sons e ritmos afros	Denise			
Fanzine	Luciana			
Jogos de origem africana	André e Fernanda			
Atividade prática sobre a pele e os pelos no corpo humano e a valorização da identidade negra Autorretratos	Lucimeire e Emerson			
DiversiÁfrica	Heloísa			
Quebrando mitos e estereótipos através da literatura	João e Marcia			
Negros escritos	Guaraciaba			
Palavras de origem africana	Walquíria			

**Fonte: ESCOLA MUNICIPAL VASCO PINTO DA FONSECA, 2015.**

Analiso, logo adiante, as atividades da Mostra Cultural que considere relevantes para a valorização da identidade negra na escola.

### **3.4 Atividade prática sobre a pele humana na Mostra Cultural**

A atividade prática de observação da pele no microscópio foi realizada, também, com os visitantes da Mostra Cultural, a fim de possibilitar o compartilhamento, com a comunidade

escolar, dos conhecimentos adquiridos durante as aulas, sobre as questões raciais e a valorização da identidade negra.

As estudantes que se prontificaram a ajudar na montagem do stand e apresentação do trabalho foram também as mais sensibilizadas com a questão racial e com as atividades realizadas, pois demonstraram bastante interesse pelo assunto e se envolveram, de forma cooperativa, nesse processo.

De acordo com minhas observações das características físicas e na dimensão da identidade racial, considerei que os (as) estudantes negros (as) não quiseram tomar parte na apresentação do trabalho revelando insegurança para falar sobre sua própria identidade. Podemos dizer que essa atitude mostra a dificuldade que muitas pessoas negras apresentam para se aceitarem. Um dos motivos para isso é o reforço do padrão ideal branco percebido no ambiente escolar, o que pode estar contribuindo para que os (as) estudantes negros (as) se sintam inferiorizados (as) perante os outros. Segundo Sousa (2005) essa situação interfere no desenvolvimento da autoestima:

Considerando que os instrumentos legitimadores utilizados pela escola, pela família e outras instituições sociais importantes, como a mídia, tendem a desqualificar os atributos do segmento étnico-racial negro, é que compreendemos que os alunos constituintes desse grupo desenvolvem, muitas vezes, uma autoestima acentuadamente baixa, por não encontrarem, nesse contexto, referenciais negros socialmente valorizados. (SOUSA, 2005, p. 114).

Essa condição de baixa autoestima, não obstante, pode ser modificada devido à capacidade de reformulação de uma identidade. “Sendo processuais, mensuráveis e construídas, a identidade e a autoestima tornam-se passíveis de reelaboração e reestruturação diante de novas condições dadas.” (SOUSA, 2005, p. 117). Isso quer dizer que é necessário um esforço contínuo da escola para promover a diversidade racial a fim de tornar possível a valorização da identidade negra.

Felizmente, na medida das condições dadas, a grande maioria dos (as) estudantes visitou a Mostra Cultural, apresentou interesse sobre os assuntos divulgados e participou das atividades propostas. Nesse aspecto, podemos dizer que houve um avanço, porque se existiu uma participação, de livre e espontânea vontade, é porque os (as) estudantes se sentiram confortáveis com a realização dos trabalhos e também valorizados em suas identidades.

Os visitantes externos da Mostra Cultural se mostraram bastantes satisfeitos em realizar a atividade prática e escutar as explicações das alunas. Tivemos a visita de 120 pessoas no stand e entre os participantes estavam estudantes (foto 14), professores (as) (foto 15), mães (foto 16) e várias pessoas da comunidade escolar e de outras comunidades.

**Foto 14 - Explicação sobre a cor da pele e o racismo**



Fonte: Fotografia da autora

**Foto 15 - Realização da atividade prática com professores**



Fonte: Fotografia da autora

**Foto 16 - Visitantes observam sua própria pele no microscópio**



Fonte: Fotografia da autora

Todos os (as) visitantes do stand fizeram a observação de suas próprias peles no microscópio e conversaram com as estudantes sobre a questão do racismo e a importância da valorização da identidade negra para a nossa sociedade. A vontade das pessoas de participarem foi muito grande, e algumas relataram ter sido uma experiência inovadora, que combinou a curiosidade científica com um assunto tão importante como a igualdade racial. Isso demonstrou que, a realização dessa atividade prática com a comunidade, pode ser uma boa oportunidade para reeducarmos as posturas em relação à diversidade racial e ao trato com a identidade negra na escola.

### 3.5 Autorretratos

Esse trabalho destinou-se à valorização das diversas características físicas dos (as) alunos (as) devido à presença de estereótipos e à invisibilidade da identidade negra no ambiente escolar.

Os autorretratos foram produzidos na aula de Artes com o professor Emerson Marshall, uma vez que são utilizadas técnicas específicas, embora essa atividade tenha se configurado, a meu ver, como interdisciplinar, pois foi analisada com os (as) alunos (as) na minha aula. Essa intervenção consistiu na produção, pelos (as) estudantes, de desenhos do próprio rosto, evidenciando as particularidades físicas de cada um (a) deles (as).

Uma vez realizada, a sua análise mostrou que, ao colorir a pele do rosto, os (as) estudantes apresentavam uma tendência para utilizar lápis de cores mais claras que a suas próprias tonalidades de cor de pele (Foto 17).

**Foto 17 – Tonalidades da pele nos autorretratos**



**Fonte: ESCOLA MUNICIPAL VASCO PINTO DA FONSECA, 2015.**

Alguns (mas) estudantes optavam por cores mais claras, como, por exemplo, marrom bem clarinho, pastéis ou não coloriam. Em relação aos cabelos, observei um traçado mais

homogêneo, mesmo nos encaracolados. Além disso, os alunos Bruno e Gustavo, que numa perspectiva das características físicas apresentam a pele negra e os cabelos crespos, e que, a meu ver possuem identidade racial negra, não entregaram seus autorretratos, pois não queriam que fossem expostos, indicando a presença de baixa autoestima e dificuldade de aceitação de sua identidade racial.

Em virtude disso foi necessário esclarecer que somos condicionados a colorir assim, e não percebemos isso como uma atitude racista ou um conflito. Nós brasileiros, somos todos afetados pela ideologia do branqueamento da população, explicada anteriormente. Isso quer dizer que, muitas pessoas negras se rejeitam como realmente são devido à maior valorização do tipo físico ideal, branco com cabelos lisos, na sociedade. Vale salientar, apesar disso, que devemos prestar mais atenção e adotar uma postura crítica em relação aos estereótipos associados às pessoas negras na sociedade, procurando, dessa forma, valorizar a identidade negra, até mesmo quando colorimos.

A despeito disso, entretanto, notei participação de boa parte dos (as) estudantes nessa produção artística e o fato de se mostrarem orgulhosos e valorizados em seus traços fenotípicos (Foto 18), revelou que essa atividade tem uma repercussão positiva na construção e valorização das diferentes identidades na escola, podendo ser utilizada para reforçar a autoestima dos (as) alunos (as).

**Foto 18 – Os autorretratos e a questão da identidade**



**Fonte: ESCOLA MUNICIPAL VASCO PINTO DA FONSECA, 2015.**

Somando-se ao que foi dito, na medida em que esse trabalho permitiu a realização de uma análise conjunta, ele reforçou e estimulou, ainda mais, a participação dos (as) estudantes,

aumentando, assim, o nível de interesse pelas questões relacionadas ao respeito à diversidade e à igualdade racial na escola.

### 3.6 Oficina de penteados afros

Essa oficina foi realizada para favorecer a valorização da identidade negra na prática pedagógica e reforçar os padrões da beleza negra no ambiente escolar. Ela foi promovida, a pedido de professoras da escola, pela Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial de Contagem, sob a responsabilidade da cabeleireira Fabiana Pansica. Houve, nela, uma grande visitação, principalmente de crianças e adolescentes (Foto 19).

**Foto 19 – Criança e adolescente fazendo penteado afro**



**Fonte: ESCOLA MUNICIPAL VASCO PINTO DA FONSECA , 2015.**

Isso implica pensar que, atualmente, existe um estilo africanizado que está conquistando as novas gerações, sendo bastante importante para a valorização da estética negra na escola e na sociedade. “Estamos diante não só de novas tendências da moda, mas de alterações no campo da cultura e das relações raciais.” (GOMES, 2012, p. 238).

Os penteados e os turbantes coloridos nos cabelos (Foto 20) são, nesse ponto, um símbolo da beleza e da identidade negra, nos remetendo às nossas raízes africanas.

**Foto 20 – Penteados afro com turbante**



**Fonte: Fotografia da autora**

A existência de salões étnicos é uma comprovação de que o símbolo é o estilo do cabelo para as pessoas negras. Segundo Gomes (2012), aceitá-lo naturalmente como é, pode ser visto, também, como uma forma de afirmar a identidade negra:

Entre as cabeleireiras e os cabeleireiros étnicos também existem aqueles que associam a beleza negra à naturalidade dos cabelos crespos. Nesse caso, assumir a textura crespa do cabelo é entendido como valorização da raça negra perante a sociedade brasileira (GOMES, 2012, p.175).

Diante de tais argumentos e à medida que percebi a satisfação das estudantes ao fazerem os penteados e o orgulho delas ao mostrar os cabelos, uma vez que a estética é um assunto pouco trabalhado na prática pedagógica, considerei a realização dessa oficina importante para a valorização da identidade negra na escola.

### **3.6 Roda de capoeira**

A realização de uma roda de capoeira na escola com o intuito de resgatar as raízes culturais afro-brasileiras proporcionou momentos de descontração e entrosamento aos participantes. O grupo de capoeira Raízes das Gerais (foto 21), foi enviado para a escola, pela Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial de Contagem.

**Foto 21 – Grupo de capoeira Raízes das Gerais**



**Fonte: ESCOLA MUNICIPAL VASCO PINTO DA FONSECA, 2015.**

Durante a apresentação, percebi uma grande valorização da estética das pessoas negras e de sua identidade, sendo também uma demonstração da resistência do corpo negro e da expressão de sua força (foto 21). “Na cultura negra, o corpo é fundamental, pois a força está no corpo.” (ROCHA, 2009, p. 60). E ainda: “Mais que um referente biológico, o corpo é território de cultura.” (ROCHA, 2009, p. 60).

Ficou claro que essa atividade possibilitou a valorização da identidade negra e permitiu aos (às) estudantes se envolverem com a música e o trabalho de corporeidade realizado pelo grupo (Foto 22). “O negro, quando se impõe perante a sociedade, quando debate politicamente, quando produz cultura e se insere nos mais diferentes espaços sociais, traz em si a marca da corporeidade e se expressa esteticamente.” (GOMES, 2012, p. 276).

**Foto 22 – Participação de estudantes na roda de capoeira**



**Fonte: ESCOLA MUNICIPAL VASCO PINTO DA FONSECA, 2015.**

Diante dessa atividade, vale dizer que, o trabalho com o respeito ao tipo físico negro é papel da escola e está intimamente relacionado à promoção da igualdade racial e a valorização da identidade negra. De acordo Rocha (2009):

As peculiaridades raciais, corporeidade expressa pelo tipo físico, têm que ser elemento não de rejeição entre pares, mas de reconhecimento e valorização dos traços étnicos e de pertencimento racial como constituintes de identidade. Neste sentido, é urgente construir estratégias pedagógicas em que a criança negra possa ser acolhida e respeitada em sua corporeidade. (ROCHA, 2009, p. 62).

A roda de capoeira demonstrou ser, com relação ao aspecto pedagógico, uma ótima estratégia para a valorização da cultura e da identidade negra na escola.

### **3.7 Palestra: O Negro e a Mídia**

Essa palestra ocorreu com o intuito de permitir a discussão e a reflexão sobre as relações estabelecidas entre a mídia e as pessoas negras. O evento foi, também, promovido pela Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial de Contagem, e teve como palestrante o professor Denilson Tourinho. Houve a participação de pais, mães e professoras (Foto 23).

**Foto 23 – Palestra sobre o negro e a mídia**



**Fonte: Fotografia da autora**

Dentre as questões debatidas, foi colocado que, a mídia influencia na formação dos padrões de beleza aceitos pela sociedade. Entretanto, a ausência de representatividade da identidade negra na televisão e em outros meios de comunicação revela a desvalorização de suas características físicas e a presença do racismo camuflado na sociedade brasileira dificultando a aceitação da própria identidade por parte das pessoas negras. Veja o que Gomes (2012) nos fala sobre o processo de rejeição/aceitação da identidade negra e sua relação com a mídia:

Esse processo conflitivo é construído socialmente, vivido e aprendido no grupo, na família. Por isso, mesmo quando se nasce em uma família que afirma e valoriza a cultura negra, esse aprendizado pode ser confrontado socialmente pela imagem do negro veiculada na mídia ou pela maneira como lideranças e artistas negros, quando

em evidência, comportam-se diante da questão racial ou expressam a negritude através do seu corpo. Nesse caso, a expectativa construída em torno do comportamento desses sujeitos não se restringe ao fato de possuírem um corpo negro e aparecerem em destaque na mídia. Importa a forma como esse corpo é trabalhado, se ele expressa ou não o orgulho ao seu pertencimento racial, por meio da valorização dos sinais diacríticos. (GOMES, 2012: 122).

Durante a conversa ficou esclarecido que, esse silenciamento da mídia em relação às pessoas negras tem começado a sofrer transformações, principalmente, com o surgimento de uma classe média negra e de um mercado consumidor de produtos étnicos. Nas propagandas, por exemplo, já vemos produtos de beleza para cuidados com os cabelos crespos, o que tem estimulado a aceitação dos padrões de beleza negra.

Com relação ao aspecto pedagógico dessas mudanças na mídia, vale dizer que elas podem ser utilizadas na escola para reforçar características positivas das pessoas negras e promover a valorização da identidade negra, principalmente entre os adolescentes, que apresentam grande interesse pela estética corporal. Porém, é importante alertá-los para a necessidade permanente de manterem um olhar crítico diante dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação.

Em virtude dessas reflexões, as discussões envolvendo pais, mães e professoras, como ocorreram na palestra, se mostraram relevantes para a reeducação das posturas e valores de todos (as) perante as questões raciais.

#### 4 CONCLUSÃO

Tendo como questão norteadora deste projeto de intervenção a valorização da identidade negra na escola, foi possível concluir que a realização de reflexões sobre as questões étnico-raciais fazem parte dos assuntos de grande valor para o trato pedagógico, logo, é necessário a criação de estratégias de aproximação desse assunto com os conteúdos disciplinares.

A realização da atividade prática sobre a pele humana foi bastante relevante para minha formação profissional, sendo possível pensar que está de acordo com os objetivos do curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial nas Escolas (EPPIR). Dessa forma, dentro da minha área de atuação, no ensino de ciências, esse trabalho se revelou uma prática pedagógica importante para a abordagem das questões raciais com a comunidade escolar e para a valorização da identidade negra, além de permitir o estudo das características e funções da pele, através da observação de sua camada superficial no microscópio. A participação efetiva dos (as) estudantes, dos familiares, dos (as) professores (as) e dos gestores na sua realização estimula, assim, a continuidade desse trabalho no ambiente escolar e foi considerado um avanço.

Porém, é importante enfatizar que, na perspectiva de um aperfeiçoamento da prática pedagógica, faz-se necessária a criação de mais estratégias para ganhar a simpatia dos (as) estudantes, principalmente àqueles (as) que numa dimensão da identidade racial são negros (as), procurando fazer com que se sintam mais à vontade e seguros para participarem das apresentações, das discussões e das fotografias. Apesar dos avanços, nota-se a necessidade de reestruturação da proposta utilizada para melhoria da atividade, superação dos seus limites e revisão de posturas perante o agir pedagógico.

Levando-se em conta o que foi observado, o conhecimento científico sobre as características e funções da pele, a atuação da melanina na determinação da cor da pele e as outras adaptações biológicas do corpo humano, como o cabelo, pode ser considerado um dos caminhos para se iniciar a discussão sobre as questões raciais relacionadas com as diferentes colorações da pele. Assim, a investigação nos mostrou que ele pode ajudar na eliminação dos estereótipos racistas na escola, promovendo a valorização da identidade negra e da diversidade racial, visto que, sua utilização, pode orientar para “o rompimento com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação, contra os negros [...]” (BRASIL, 2013, p.92).

A realização da Mostra Cultural, na escola, demonstrou que o respeito, o reconhecimento e a valorização da identidade negra não devem ficar restritos somente a alguns conteúdos didáticos, podendo ser trabalhados de maneira mais ampla por todo o coletivo da escola. Portanto, a promoção de trabalhos interdisciplinares, com articulação dos conteúdos, estimula a participação dos (as) estudantes e da comunidade escolar no geral. As práticas pedagógicas de reeducação das relações étnico-raciais, assim, ficam enriquecidas quando dirigidas a todos, negros (as) e brancos (as), proporcionando, dessa forma, maior harmonia nas socializações ocorridas no ambiente escolar.

Somando-se a isso, esse projeto de intervenção mostrou que, é essencial, para o (a) professor (a), ter o apoio dos gestores e do coletivo da escola na sua organização e na elaboração das atividades, o que proporciona melhores condições para que os trabalhos sejam desenvolvidos. Além disso, a parceria da escola com órgãos legais, como Coordenadorias de Promoção da Igualdade Racial, se revelou imprescindível, reforçando e complementando, portanto, as atividades realizadas pelos (as) professores (as) e estudantes.

Trabalhar as questões étnico-raciais dentro do ambiente escolar, nos dias atuais, é um grande desafio. Vários fatores devem ser observados e levados em consideração para que uma escola possa se organizar e contribuir para a Educação das Relações Étnico - Raciais (ERER). Para abordar esse assunto, é necessário um trabalho ético voltado para o respeito, o reconhecimento e a valorização da diversidade étnica.

Além disso, ele deve estar articulado com outras condições que irão favorecer o desenvolvimento de práticas políticas e pedagógicas para a ERER. Fatores como condições de trabalho, gestão de processos educativos, formação de professores e demais, articulação com órgãos legais, formas participativas, territorialidade e religiosidade devem ser observados e articulados para que o desenvolvimento dos trabalhos não seja prejudicado. A comunidade escolar deverá apresentar um grande desejo para consolidar uma proposta coerente e que tenha uma ampla aceitação e participação, tornando a ERER um processo contínuo e normal no ambiente escolar. Para isso é preciso uma maior organização das práticas políticas e pedagógicas baseadas em princípios do Estatuto da Igualdade Racial e principalmente na Lei 10.639/03.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (Orgs). **Educação e raça: Perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BAIROS, Luiza Helena de. **Desigualdades raciais e políticas públicas**. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2004. DVD (50 min.): son., color.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em preto e branco**. Discutindo as Relações Raciais. São Paulo: Ática, 1999.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história afro-brasileira e africana**. Brasília/DF: SECAD/MEC, 2004.

BRASIL, Planalto. **Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012**. Disponível em <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1032851/lei-12711-12>. Acesso em 18 de jan. 2016.

BRASIL, Planalto. **Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L7716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7716.htm). Acesso em 18 de jan. 2016.

BRASIL, Planalto. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em 20 de dez. 2015.

BRASIL, Planalto. **Lei nº 12.288 de 20 de julho de 2010**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm). Acesso em 20 de dez. 2015.

BRASIL. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília (DF): Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2013.

CAMERINI, Mônica Blattner. **Como funciona o nosso corpo: A pele.** 2012. Disponível em: <http://saladeobservacao.blogspot.com/2012/01/como-funciona-nosso-corpo-pele.html#ixzz3x8dzMQBC>. Acesso em 15 de ago. 2015.

ESCOLA MUNICIPAL VASCO PINTO DA FONSECA. **Mostra cultural 2015.** Contagem: 2015. Disponível em: <https://www.escolavascop.wix.com/fonseca>. Acesso em 16 de dez. 2015.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Ciências: Nosso corpo.** 8º ano. Projeto Teláris. São Paulo: Ática, 2012.

GOMES, Lilian Cristina Bernardo. **Estado, sociedade e a produção das desigualdades raciais.** Mód. 2. In Curso EPPIR, 2014.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.** Brasília, DF: MEC/BID/UNESCO, 2005.

GOMES, Nilma Lino (Org). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003.** Brasília: MEC, UNESCO, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.

GONZAGA, Yone. **Movimentos sociais negros e a legislação antirracista.** Mód. 3. In Curso EPPIR, 2015.

JACCOUD, Luciana Ramos de; BEGHIN, Nathalie; IPEA. **Desigualdades raciais no Brasil: Um balanço da intervenção governamental.** Brasília: IPEA, 2002.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. **Relações étnico-raciais e a questão racial na sala de aula.** Mód. 5. In Curso EPPIR, 2015.

LABORNE, Ana Amélia de Paula. **Racismo e antirracismo no Brasil**. Mód. 1. In Curso EPPIR, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude, usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NEVES, Natalino. **Novas práticas políticas e pedagógicas das relações étnico-raciais na escola: em busca de novos referenciais**. Mód. 6. In Curso EPPIR, 2015.

RIBEIRO, Matilde. (Org.) **As Políticas de igualdade racial: Reflexões e perspectivas**. São Paulo: Perseu Abramo, 2012.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. Sentindo na pele. In: **Almanaque pedagógico afrobrasileiro: Uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo no cotidiano escolar**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Pedagogia da diferença: A tradição oral africana como subsídio para a prática pedagógica brasileira**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

SANTANA, Patrícia. **Juventude negra, gênero e infância**. Mód. 4. In Curso EPPIR, 2014.

SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. Linguagens escolares e reprodução do preconceito. In: **Educação anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília, DF: MEC/BID/UNESCO, 2005.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

